

ça de Barros, Amélia Estorgina Muniz, Benedita Machado Ribeiro, Abigail Borralho e Maria de Arruda Muller. A esse inolvidável escol de educadores as justas e merecidas homenagens de seus alunos e alunas, de par com a gratidão imperecível de Mato Grosso e do Brasil.

Não há como se possa olvidar nesse preito de merecida homenagem a presença de importantes e eficientes escolas que tanto se empenharam na árdua missão de instruir e educar a juventude estudiosa de Cuiabá, podendo citar, dentre outros, o Colégio São Sebastião do professor Frederico Teixeira, onde estudou Eurico Gaspar Dutra que optou pela carreira das Armas e chegou ao posto máximo de Marechal, foi Ministro do Exército, organizou a Força Expedicionária na Itália, foi eleito e exerceu a Presidência da República, como Presidente de todos os brasileiros, unidos pelo plano Salte. O Colégio São João Batista do Padre Ernesto Camilo Barreto, donde saíram preparadas altas personalidades no campo da política e do governo. O inexcelsível Asilo Santa Rita e o Colégio Sagrado Coração de Jesus, das dedicadas e incansáveis irmãs religiosas, colmeia fecunda de preparação moral, intelectual e profissional da juventude e da mocidade de Cuiabá. O Colégio do saudoso Prof. Avelino Ribeiro, o Colégio do venerando mestre Felix Benedito de Miranda, o Colégio das professoras Idalina de Faria e irmãs, as inolvidáveis aulas de Música, ministradas pelas exímias pianistas Gertrudes Machado Ribeiro, Dunga Rodrigues e Zulmira Canararros.



O EXÉRCITO E A ABOLIÇÃO

por Cláudio Moreira Bento

Presidente do Instituto de História e Tradições
do Rio Grande do Sul

Sobre o tema desenvolvemos alentado estudo, partindo do relacionamento do Exército com o negro, do descobrimento à atualidade. Entre muitas conclusões destacamos: que a contribuição militar do negro foi maciça e efetiva no campo militar. Que a situação invejável de integração racial observada por Arnold Toynbee, grande historiador ocidental, em relação ao Brasil, é mais expressiva ainda no âmbito do Exército. Que a redenção gradual do negro, dos grilhões da escravidão para liberdade entre nós foi conquistada progressivamente como soldado em nossas lutas in-

ternas e externas, particularmente como excelente e valoroso soldado de Infantaria. Que o Duque de Caxias foi destacado pioneiro abolicionista ao assegurar a liberdade, por sua conta e risco, contrariando orientação superior, a 120 lanceiros negros farroupilhas que foram incorporados como livres no Exército Imperial. Que no Exército como nos demais segmentos da sociedade o negro em posições de mando e destaque ainda continua exceção.

Sobre o Exército no abolicionismo destacamos: A fundação em Porto Alegre, em 25 de agosto de 1869, da Sociedade Libertadora de Escravos no Partenon Literário integrado por 70 intelectuais gaúchos sob a presidência do heroico general Conde de Porto Alegre. Reunião da Loja Maçônica Fé, em Assunção, no Paraguai, em homenagem ao Visconde do Rio Branco na qual oficiais do Exército e da Marinha apelaram para que ele libertasse os escravos do Brasil "que são tão brasileiros como nós". A influência da Guerra do Paraguai no abolicionismo brasileiro por haver dado aos oficiais oportunidades de testemunhar o patriotismo dos negros e as injustiças de que eram vítimas no Brasil. A influência decisiva no Clube Militar, integrada por oficiais do Exército e da Marinha, através de petição que enviaram à Princesa Isabel, em 26 de outubro de 1887, há 6 meses da Lei Aurea, pedindo para libertar o Exército do encargo de prender negros fugidos. Petição que redundou, de fato, na abolição por ter o Exército desde então cruzado os braços ao problema e assim estimulado a que escravos e mais escravos sacudissem o jugo do cativoiro.

Sobre estes fatos escreveu Ruy Barbosa no dia seguinte à Abolição, fazendo justiça ao Exército. "Esta desobediência bendita (do Exército), essa indisciplina salvadora selou a emancipação do povo negro ... pela ponta indócil a vilanias da espada do Exército brasileiro". E prosseguiu:

"Espada redentora, tu crescestes no horizonte da pátria, grande, luminosa, serenadora entre as ameaças de tempestade, como a curva do arco-iris; o sinal de aliança entre a nação, o escravo e o soldado. Desde então incorreste na desconfiança e nas perseguições; mas nos corações das classes populares, que te viram cintilar ao lado do direito, teceste laços de fraternidade, que te hão de associar para sempre às conquistas civis do nosso progresso ..." Ruy, em 1922, em discurso no Clube Militar falou a certa altura: "Desta casa saiu a Abolição e a República".

Logo após a abolição foi comum a Imprensa referir-se ao Exército como Libertador e à Princesa Isabel como redentora dos escravos.

Joaquim Nabuco referiu certa feita: "Os oficiais brasileiros são antes de tudo solidários com os seus soldados. Pois sabem a triste afinidade entre eles e a escravidão". Com isto queria dizer que muitos soldados do Exército egressos da escravidão possuíam entes queridos escravos e que desejavam vê-los livres com a solidariedade de seus oficiais. Na Bahia o general Hermes da Fonseca, irmão de Deodoro da Fonseca, Presidente do Clube Militar, que assinou a petição à Princesa Isabel e pai do abolicionista e mais tarde marechal Hermes da Fonseca, recebeu com grande alegria, de presente de aniversário de seus comandados, a carta de alforria do pai de dois de seus soldados. Atitudes assim foram comuns entre as lideranças militares brasileiras da Guerra do Paraguai após o término dessa. Esta amostragem assinala as posições do Exército e do Duque de Caxias face a Abolição, as quais tem sido até deturpadas no Centenário da Abolição, por motivações ideológicas que desservem à História, mas que, por saturação de desinformação veiculada, tem prosperado na opinião pública desavisada.

O DUQUE DE CAXIAS – PIONEIRO ABOLICIONISTA

Em 1º de março de 1845, no Rio Grande, Caxias tornou-se pioneiro abolicionista, 43 anos antes da Lei Áurea. Isto ao incluir por sua conta e risco, na Paz de Ponche Verde que pôs fim à Revolução Farrroupilha (1835-45), a seguinte cláusula:

"4º – São livres e como tais reconhecidos todos os cativos que serviram na República".

Com isto contrariou as Instruções Reservadas de 18 de dezembro de 1844, que recebeu do Gabinete Liberal, através do Ministro da Guerra que dispunham sobre os soldados farrapos, ex-escravos:

"5º – Os escravos que fizerem parte das forças rebeldes, apresentados, serão remetidos para esta Corte, à disposição do Governo que lhes dará o conveniente destino".

O conveniente destino, segundo Wiedersphan, seria o internamento dos soldados negros farrapos, ex-escravos, na Imperial Fazenda de Santa Cruz, no Rio, inicialmente como escravos estatizados.

Para evitar esta armadilha, Caxias invocou o Aviso Ministerial de 19 de novembro de 1838 "que assegurava liberdade aos republicanos farrapos, ex-escravos, que desertassem das fileiras do Exército da República e se apresentassem às autoridades imperiais". Com este artifício Caxias os libertou. Mas para impedir que fossem enviados para o Rio e ali corressem o risco de terem congeladas suas alforrias, por fortes pressões escravocratas, usou mais este artifício:

Após receber, em Ponche Verde, 120 soldados ex-escravos, predominantemente lanceiros negros, os incorporou ao Exército Imperial nos três regimentos de cavalaria ligeira estacionados na fronteira da Província do Rio Grande, segundo se concluiu de seus ofícios da época. Esta é a razão de sua citação como abolicionista, em discurso presidencial do dia 13 de maio de 1888, alusivo ao Centenário da Abolição. Pois, por ocasião do início da Campanha Abolicionista, Caxias, já muito doente, havia se retirado da vida pública para a Fazenda Santa Mônica, em Juparanã, Valença - RJ, onde veio a falecer em 7 de maio de 1880.

O Corpo de Lanceiros Negros fora criado em Pelotas, em 5 de agosto de 1836, pelo tio de Caxias, mais moço do que ele e seu colega no Batalhão do Imperador, na Guerra da Independência da Bahia e mais tarde o primeiro general da República Rio-grandense, o então Major João Manoel de Lima e Silva. Este foi assassinado e à traição, próximo a São Borja, em 18 de agosto de 1837, por um grupo de Guerrilheiros a serviço do Império, causando grande revolta entre os republicanos farrapos.

O Corpo de Lanceiros negros se constituiu em tropa de choque farrapa. Era integrado por ex-escravos, habilíssimos nas lides pecuárias relacionadas com as estâncias e charqueadas gaúchas (domadores, campeiros).

Tiveram papel de relevo como consumados lanceiros ao comando da maior lança farrapa, o canguçuense Tenente-Coronel Joaquim Teixeira Nunes, na maior vitória farrapa, em Rio Pardo, em 30 de abril de 1839 e na expedição, por terra, a Laguna - SC, em 1839, quando lá foi proclamada a efêmera República Juliana. Na surpresa de Porongos, em 1844, sofrida pelo General farrapo Davi Canabarro, os lanceiros negros salvaram a República Rio-Grandense e o seu Exército de um colapso total, através de resistência titânica que custou-lhes muitas vidas que contribuíram para a manutenção de condições honrosas de paz com o Império o

que aconteceu em Ponche Verde, graças a Caxias, também, segundo reconheceu o líder farrapo Bento Gonçalves.

Este assunto foi por nós tratado com mais detalhes em *O Negro na Sociedade do Rio Grande do Sul* (P. Alegre, IEL, 1975) e *Estrangeiros e descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul* (P. Alegre, IEL, 1975).

Oscar Wiedersphan abordou o assunto nos *Anais do Congresso de História do II Reinado*, em 1984, 2º volume, publicados pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.